

JOGO ROUBADO

**BRETT
FORREST**

**A CAÇA AOS RESPONSÁVEIS PELA
MANIPULAÇÃO DE RESULTADOS
DE PARTIDAS DE FUTEBOL**

Tradução
RENATA PUCCI

**PA
RA
LÉ
IA**

Copyright © 2014 by Brett Forrest

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Big Fix — The Hunt for the Match-Fixers Bringing Down Soccer

CAPA Eduardo Foresti

PREPARAÇÃO Diogo Henriques

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Julia Barreto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Forrest, Brett

Jogo roubado : a caça aos responsáveis pela manipulação de resultados de partidas de futebol / Brett Forrest ; tradução Renata Pucci. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2015.

Título original: The Big Fix — The Hunt for the Match-Fixers Bringing Down Soccer.

ISBN 978-85-65530-88-0

1. Futebol — Práticas de corrupção. I. Título.

15-00187

CDD-793.334

Índice para catálogo sistemático:

1. Corrupção : Esporte 793.334

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

ESTÁDIO KHALID BIN MOHAMMED
SHARJAH, EMIRADOS ÁRABES UNIDOS, MARÇO DE 2011

Os agentes da Fifa (Federação Internacional de Futebol) chegaram ao estádio após o meio-dia, preparados para interromper o crime que estava destruindo o futebol. Sharjah ficava a uma curta viagem de carro de Dubai, mas parecia haver um mundo de distância, no meio daquela poeira sem glamour algum naquela parte dos Emirados Árabes Unidos que a maioria dos ocidentais nunca tinha visto. Ao contrário de Dubai, Sharjah não parecia um lugar onde uma pessoa poderia ficar rica da noite para o dia. Isso fez do emirado um local apropriado para os criminosos que haviam se infiltrado nos jogos de futebol. Sua especialidade era a ilusão, e os eventos em Sharjah estavam prestes a lhes dar outro lucrativo retorno após noventa minutos de partida.

O jogo estava marcado para aquele dia 26 de março de 2011 e era um amistoso entre as seleções do Kuwait e da Jordânia. O tipo de partida que ocorria centenas de vezes por ano em todo o mundo, com pouca repercussão e poucas consequências. Técnicos de equipes nacionais muitas vezes encaravam essas disputas como treinos um pouco mais pesados. Por outro lado, grupos criminosos que iam do sudeste da Ásia até a Europa Oriental tinham interesse e consideravam tais partidas os pilares de um extenso empreendimento comercial.

A partida entre Kuwait e Jordânia se formava na linha de frente

de uma guerra que estava apenas começando. De um lado estavam os grupos criminosos organizados, que lucravam centenas de milhões de dólares — se não bilhões, ainda assim um pinga no oceano de trilhões de dólares em apostas de futebol —, através da manipulação de resultados dos jogos. Do outro lado estavam os dirigentes do futebol, que começavam a aceitar que a manipulação de resultados era o escândalo da nossa época, uma ameaça real para o esporte mais popular do mundo.

A Fifa, órgão diretivo internacional do esporte, havia recebido informações de que um grupo conhecido de criminosos pretendia manipular o resultado da partida em Sharjah. Isso não era grande surpresa, já que pontuações finais inflacionadas, aplicações duvidosas de pênaltis e padrões estranhos de apostas vinham ocorrendo com grande frequência nas últimas temporadas. O que era novidade no jogo de Sharjah era que um diretor de segurança da Fifa recém-contratado estava fazendo uma investigação clandestina. O momento de agir havia chegado.

Quando dois investigadores da Fifa entraram no Estádio Khalid Bin Mohammed, pouco antes da hora do jogo, não havia ninguém por lá. Tinha sido um desafio reunir informações confiáveis sobre a partida, até mesmo para a Fifa, que a havia autorizado. A data, o horário de início, o local, nada havia sido confirmado. Os sites das seleções do Kuwait e da Jordânia forneciam informações conflitantes. O mesmo ocorria nos sites de apostas. Algumas publicações até mesmo listavam o jogo como cancelado. Foi essa a impressão que tiveram os dois homens da Fifa, enquanto passavam pelos portões abertos do estádio. Ninguém estava vendendo ingressos. As arquibancadas estavam vazias. Os investigadores da Fifa sentaram-se em um dos setores da arquibancada e notaram que não havia câmeras, nem unidades móveis de tv, como de costume. A partida não havia sido anunciada na imprensa local. Em uma era de constante cobertura jornalística e divulgação de informações, parecia que aquele jogo aconteceria apenas no mundo da imaginação.

Por fim, os jogadores entraram no estádio, assim como alguns torcedores. Os agentes da Fifa perceberam alguns homens caminhando pelas beiradas do campo e os reconheceram: um deles era de uma

empresa de promoções dos Emirados, outro de uma empresa semelhante no Egito. Tinham ajudado a organizar o jogo, mas não eram essenciais na investigação. Na verdade, a Fifa estava interessada nos arquitetos dessa operação, um grupo notório de Cingapura que operava de forma despercebida em dezenas de países em todo o mundo. Os investigadores viram quando dois conhecidos corruptores cingapurianos entraram no estádio e se sentaram na seção VIP. A partida estava para começar.

A ideia de manipular o resultado em Sharjah havia se originado na mente do maior especialista na produção de placares do mundo, uma pessoa de movimentos misteriosos que havia manipulado centenas de partidas em mais de sessenta países, lucrando somas incalculáveis para um grupo de apostadores da Ásia. Mas o tal grupo o havia traído. E a polícia havia descoberto detalhes dos arranjos de Sharjah esboçados em um pedaço de papel deixado na cama do seu quarto de hotel em uma cidade finlandesa ao longo do Círculo Ártico.

Essas informações levaram os investigadores da Fifa até Sharjah. Eles planejavam entrar sem aviso prévio nos vestiários durante o intervalo e ameaçar suspendê-lo, e até mesmo processá-lo, a menos que a segunda metade do jogo fosse disputada de maneira honesta. Embora os dois funcionários da Fifa tenham tentado contato com os funcionários da Associação de Futebol dos Emirados Árabes Unidos, suas ligações e e-mails não foram respondidos. Por enquanto eles haviam sido relegados às arquibancadas, sem a credencial adequada para visitar outras áreas do estádio. Eles especularam que as autoridades do futebol dos Emirados poderiam ter conhecimento da próxima combinação de resultados. Muitas federações nacionais de futebol ao redor do mundo tinham aderido ao lucrativo negócio de combinar o placar de partidas de futebol com o grupo de apostadores de Cingapura.

O objetivo da corrupção de resultados era fraudar as apostas. Corruptores envolviam jogadores no esquema para que estes permitissem que a outra equipe fizesse gol. Os infratores subornavam árbitros para distribuir cartões vermelhos e pênaltis, influenciando, assim, os resultados das partidas. O grupo de apostadores fazia suas apostas com base no calendário de jogos. Enganavam as casas de apostas, que estavam

sempre um passo atrás deles, e os torcedores, que acreditavam que o que estavam vendo era real. E também havia o jogador, muitas vezes coagido a participar. Quando a partida entre Kuwait e Jordânia começou, a atividade no mercado de apostas internacional revelou que a corrupção estava mesmo acontecendo.

Em algum momento da década de 1990, Joseph “Sepp” Blatter, presidente da Fifa, começou a classificar alguns jogadores de futebol e gerentes de todo o mundo coletivamente, em comentários públicos, como a “família do futebol”. A Fifa, que tem sede em Zurique, é a organização responsável pela realização da Copa do Mundo a cada quatro anos. No meio da colcha de retalhos de federações e confederações que controlam e administram o futebol, é a organização que carrega o maior peso. É para ela que a maioria das pessoas envolvidas com futebol recorre a fim de resolver uma disputa ou emitir um comunicado. Mas a Fifa não é a guardiã da boa vontade que a terminologia benevolente de Blatter sugere. A Fifa é registrada na Suíça como uma instituição sem fins lucrativos, mas não funciona como tal, com uma renda de 1 bilhão de dólares por ano, múltiplos acordos de patrocínios corporativos e contratos de tv. Ela também não se comporta como uma empresa moderna, com tradicionais fiscalizações corporativas e balanços. Na verdade, a Fifa reside em algum lugar impreciso no meio disso, o que, para alguns de seus mais altos executivos, é completamente aceitável, sendo tal ambiguidade um facilitador para muita exploração.

Na última década, a forma imprecisa como o futebol mundial tem sido administrado expôs o esporte à crise. A corrupção de resultados dominou o futebol. Não é culpa da Fifa que o crime organizado internacional tenha o esporte como alvo, mas, considerando a natureza criminosa da manipulação de resultados, as palavras de Blatter assumiram um novo significado. Na verdade, esta é a “família” moderna do futebol:

Uma operação chamada A Última Aposta abalou a Federação Italiana de Futebol, uma vez que quinze clubes e 24 jogadores, técnicos,

árbitros e funcionários foram implicados em corrupção de resultados. A polícia turca prendeu aproximadamente cem jogadores, enquanto a Federação Turca de Futebol excluiu seu clube, o Fenerbahçe, da Liga dos Campeões da Uefa, questionando a forma como a equipe conseguiu vencer dezoito dos últimos dezenove jogos e levar o título nacional. A Associação de Futebol do Zimbábue baniu oitenta jogadores da seleção nacional com base na suspeita de fraude de resultados. Lu Jun, o primeiro árbitro chinês a apitar um jogo da Copa do Mundo, foi preso por cinco anos e meio por aceitar subornos no valor total de 128 mil dólares, reforçando o significado de seu apelido, “Apito de Ouro”.

Na Coreia do Sul, promotores acusaram 57 pessoas por fraude de resultados; dois jogadores cometeram suicídio posteriormente, em vez de enfrentar a situação. Dois árbitros brasileiros receberam ordem de prisão e a Confederação Brasileira de Futebol foi multada em 8 milhões de dólares por sua participação em uma série de jogos manipulados. Logo depois de oito estonianos receberem uma suspensão de um ano, um tribunal processou outra dúzia por corrupção. A polícia alemã gravou criminosos croatas discutindo por telefone seus planos para corromper jogos no Canadá. O presidente da Associação de Futebol da China atualmente cumpre pena em uma colônia penal específica por corrupção de resultados de jogos de futebol. A polícia húngara prendeu mais de cinquenta pessoas por corrupção e o diretor de um clube se suicidou quando foi descoberto. Os tchecos estão processando dois árbitros por corrupção. A equipe nacional cambojana manipulou sua própria derrota numa série de dois jogos com o Laos, que qualificava um dos times para a Copa do Mundo de 2014.

A Macedônia é tão corrupta que raros agentes aceitam apostas em jogos do campeonato nacional. Os executivos de um clube búlgaro, o Lokomotiv Plovdiv, exigiram que seus jogadores e técnicos fizessem um teste no detector de mentiras após um jogo perdido. Jogadores, proprietários de times e agentes de apostas georgianos estão atrás das grades por corrupção de resultados. Na Malásia, algumas dezenas de jogadores estão atualmente sob a custódia. Sabe-se que árbitros do Quênia, do Líbano e da Tanzânia tiveram participação nesses tipos de arranjos. O Níger possui o árbitro mais corrupto de todos. Autoridades

da Polônia processaram uma dúzia de jogadores por corrupção. O governo russo estabeleceu um comitê para erradicar esse tipo de crime de resultados de suas ligas. O primeiro-ministro de Belize ordenou uma investigação de manipulação de resultados sobre o chefe da associação de futebol do país.

O crime organizado na China e na Itália teve a liga belga como alvo durante anos. A liga da Bósnia é alvo de criminosos do próprio país. A Suíça baniu nove jogadores acusados de manipulação de resultados. Promotores italianos fizeram acusações de corrupção contra o meio-campo Gennaro “Rino” Gattuso, popular jogador da seleção campeã da Copa do Mundo de 2006 e ex-astro do Milan. Gattuso disse que estava preparado “para se suicidar em praça pública se fosse condenado pelo crime”. Dois escândalos abalaram o futebol inglês no outono de 2013, um deles envolvendo uma quadrilha de Cingapura e o outro um ex-jogador da Premier League. A Alemanha está levando adiante o processo do caso mais famoso de manipulação de resultados, em Bochum, que revelou que uma rede criminosa de corruptores tem afetado o futebol em todos os cantos do mundo na maior parte da última década.

Será que a situação está tão ruim assim? Sem dúvida alguma. Atualmente, há em curso investigações policiais sobre corrupção de resultados de jogos de futebol em mais de sessenta países, o que significa um terço do mundo. Metade das associações nacionais e regionais afiliadas à Fifa relatou incidentes desse tipo. Dá para imaginar então a quantidade de jogos manipulados que devem ter acontecido com o conhecimento apenas dos infratores. A manipulação de resultados no futebol internacional tornou-se uma epidemia, assim como o tráfico de drogas, a prostituição e o comércio de armas ilegais. Isso está acontecendo em um esporte no qual os jogadores andam do vestiário até o campo de mãos dadas com crianças, como se o futebol fosse um refúgio da inocência e da pureza moral. Provas irrefutáveis apresentam um argumento contraditório: o jogo mais popular do mundo é também o jogo mais corrupto do mundo.

A culpa é dos jogos de azar. O mercado de apostas esportivas inflou na última década, com sua porção ilegal rivalizando antigas or-

ganizações criminosas. A Interpol afirma que 1 trilhão de dólares são apostados em jogos de futebol por ano. Agentes de apostas asiáticos sugerem um montante muito maior. A indústria do futebol em si — os contratos de tv e patrocínios que compõem o negócio do jogo — está estimada em um valor anual de 25 bilhões de dólares.

Sem fiscalização e impulsionada pelo lucro fácil, a corrupção que ocorre através de resultados tem crescido de forma descontrolada. Clubes de futebol maiores submetem-se a clubes menores que estão tentando evitar o rebaixamento para uma divisão inferior. Técnicos, jogadores, árbitros e funcionários do governo conspiram para esse tipo de corrupção. Jogos internacionais de qualificação resultam em placares ultrajantes: 11 a 1, 7 a 0. A oportunidade de lucro fácil imediato gerou criativas tentativas de manipulação de resultados. Em 3 de novembro de 1997, em uma partida do Campeonato Inglês contra o Crystal Palace, o time do West Ham marcou o gol de empate após 65 minutos de jogo. De repente, as luzes do estádio se apagaram. O mesmo aconteceu quando o Wimbledon jogou contra o Arsenal um mês depois. Uma quadrilha com membros da China e da Malásia havia pagado os técnicos dos estádios para cortar a energia quando o jogo tivesse alcançado o placar combinado. A crescente ganância fez com que os próprios jogadores tomassem medidas severas para que a manipulação de resultados acontecesse. Em um jogo na Itália, em 2010, um goleiro teria drogado os próprios companheiros de equipe no intervalo para que seus adversários pudessem ganhar a partida.

Os jogadores, na verdade, não têm grande importância. Eles são apenas ferramentas dos chefes dos grupos de apostadores que operam nas sombras. Para esses criminosos, o futebol internacional tem sido uma zona livre para atividades ilícitas, um território de oportunidades infinitas para manipulações. Cada um dos cerca de duzentos países que a Fifa reconhece tem uma liga profissional e um time nacional, que é classificado em diversas faixas etárias. O número total mundial de times de futebol nacionais profissionais ultrapassa os 10 mil. Multiplique este valor pelo número de jogadores por equipe, em seguida adicione os árbitros, dirigentes de clubes e administradores da federação e perceba como os pontos de infiltração para corruptores de jo-

gos são abundantes e estão em constante mudança de temporada para temporada. Não existe um controle centralizado, nem uma comissão disciplinar. O futebol internacional é uma rede administrada sem regras rígidas, em diferentes idiomas, culturas, leis, economias e moedas do mundo todo, muitas vezes sem conexão alguma. Essa particularidade dá ao jogo um encanto especial. Também permite que motivações obscuras floresçam. Grupos criminosos de apostadores se infiltraram de forma profunda no negócio do futebol, manipulando o mercado de apostas para sua própria vantagem, e puseram em dúvida o resultado das partidas em todo o mundo.

O início da partida entre Kuwait e Jordânia ocorreu em ritmo animado. Um homem sentado atrás dos investigadores da Fifa ria, comentando que kuwaitianos e jordanianos não se gostavam. O árbitro apitou um pênalti duvidoso no 23º minuto do jogo, quando a bola ricocheteou da mão de um desatento jogador jordaniano. O Kuwait virou o jogo. Os agentes da Fifa observavam os corruptores de Cingapura no meio da multidão, porém sua linguagem corporal não revelava muito. Mas não era preciso. Os números diziam tudo.

Existem várias maneiras de adulterar os resultados de uma partida. Um dos mais populares é apostar no número total de gols marcados. Se o agente de apostas lista o placar máximo/mínimo em 2,5 e um corruptor aposta no resultado máximo, ele vai manipular os jogadores ou o árbitro para assegurar que três ou mais gols sejam marcados no jogo. Se apostar no mínimo, então pedirá dois ou menos gols.

O grupo de apostadores operava no mercado de apostas *in-game*, que permite apostas durante o jogo. Na abertura do jogo de Sharjah, a 188Bet, uma das maiores casas de apostas do mundo, começou a ter uma preponderância de apostas que apoiavam três gols ou mais. As chances para três ou mais gols na 188Bet começaram em 2,0, ou uma probabilidade de 50%. Aos dezoito minutos, com o jogo ainda sem gols, as chances de três ou mais gols diminuíram para 1,88, ou 53%. Esses números mostravam um detalhe revelador. No início da partida, com noventa minutos para marcar três gols, a 188Bet calculava a

chance de três ou mais gols em 50%. Paradoxalmente, dezoito minutos depois, a chance de três ou mais gols era maior, mesmo havendo menos tempo, isto é, restavam apenas 80% do jogo para marcar gols.

Os agentes de apostas da 188Bet não haviam determinado que um resultado de três ou mais gols era agora mais provável. O que eles fizeram foi mover as chances, em uma reação à esmagadora quantidade de apostas que estavam recebendo para três ou mais gols. O objetivo do agente é nivelar suas apostas, tomar medidas equivalentes em ambos os lados de uma proposta a fim de reduzir sua exposição e manter sua margem de lucro. E um apostador sabe que sua exposição é maior quando realiza uma grande quantidade de ações sobre uma proposta sem muita lógica. Ele sabe que o resultado do jogo foi manipulado, assim como os agentes de apostas da 188Bet certamente sabiam, enquanto calculavam as probabilidades *in-game* para o jogo de Sharjah.

Quando a partida estava próxima do intervalo, apenas um gol havia sido marcado. Aos 38 minutos, o árbitro apitou outro pênalti. Este parecia legítimo, já que um jogador da defesa do Kuwait havia derubado um da Jordânia dentro da pequena área. O goleiro do Kuwait salvou o chute que se seguiu. No entanto, o bandeirinha assinalou movimentação ilegal antes da cobrança. A Jordânia voltou a cobrar e marcou. No intervalo, a partida estava empatada. Faltando 45 minutos de jogo, tudo de que o grupo de apostadores precisava para ganhar a aposta era de mais um gol. Fácil. Mas então algo aconteceu.

Da arquibancada, os investigadores da Fifa pensaram em tentar abrir caminho e ir até os vestiários para confrontar o árbitro e os jogadores. Enquanto faziam isso, viram o homem da empresa de promoções dos Emirados subir as escadas da arquibancada VIP. E falar com os corruptores de Cingapura. A Fifa descobriu mais tarde que o árbitro da partida havia recebido a informação de que o jogo estava sendo observado. Os jogadores voltaram ao campo para o segundo tempo e os cingapurianos deixaram o estádio. No meio do segundo tempo, o placar ainda estava 1 a 1.

De repente, aos 71 minutos de jogo, as apostas se inverteram. Não havia mais apostas na 188Bet para mais de três gols, embora restassem dezenove minutos de jogo em que um terceiro gol pudesse ser marca-

do. Avisados de que investigadores da Fifa estavam no estádio, o grupo de apostadores cancelou a manipulação dos resultados e retirou suas apostas. A partida terminou com o empate de 1 a 1.

A partir de conversas que a equipe de segurança da Fifa coletou posteriormente em Cingapura, os membros dos grupos de apostadores estavam confusos e se perguntando quem teria vazado as informações da operação em Sharjah. Os apostadores haviam perdido cerca de 500 mil dólares naquela partida, segundo a inteligência da Fifa. Considerando o tamanho do mercado de apostas de futebol, não era um número alto. No entanto, o evento em Sharjah foi significativo. Ninguém nunca havia lutado contra o grupo antes. Claro, havia acusações e investigações efetuadas depois de o crime ter sido cometido e os lucros auferidos. Mas a Fifa nunca havia conduzido uma operação de combate em tempo real contra as manipulações de resultados de jogos de futebol. Os criminosos asiáticos e seus parceiros europeus haviam operado livremente por uma década. Mas as coisas estavam prestes a mudar.

2

CINGAPURA, 1983

Os melhores jogadores de futebol são pobres. Wilson Raj Perumal chegou a essa conclusão décadas atrás, sentado na arquibancada do estádio Jalan Besar, em Cingapura. Era meados dos anos 1980, e um velho campo de futebol nos arredores do bairro de Little India estava recebendo um jogo do campeonato nacional. Perumal não tinha simpatia nem interesse especial por aquela partida. O que importava para ele eram as probabilidades, a pontuação final do jogo e o pagamento.

Durante a ocupação de Cingapura na Segunda Guerra Mundial, autoridades japonesas montaram acampamento no Jalan Besar, onde abateram chineses da população local em uma execução sumária. Mas, para Perumal, foram os chineses que se destacaram em relação a todas as outras nacionalidades. Bebendo chá e apostando em jogos (o que não era permitido pelas regras locais), os chineses orquestraram uma ação que colocou a mente de Perumal em direção a novas oportunidades.

Perumal tinha muitos amigos que jogavam futebol. Entendia do jogo. O que não entendia era como esses homens velhos vinham tomando seu dinheiro no último semestre. Perumal tinha começado a apostar por diversão. Era algo que podia fazer com seus amigos da escola. Ele não entendia um tipo de aposta conhecido como *hang cheng*, que era determinada não por qual time ganhava o jogo, mas pelo valor

negociado de uma aposta. A expectativa de quem vai vencer estabelece o placar final de um jogo e as chances correspondem à probabilidade de um time ganhar, compondo, assim, o valor de uma aposta. Uma vez que aprendeu isso, Perumal começou a reconhecer com mais facilidade os padrões em suas perdas. A cada vez que ele fazia uma aposta, os chineses mudavam as probabilidades e o possível placar final a fim de beneficiar suas próprias apostas. Vinham manipulando o mercado de acordo com o time que Perumal escolhia, com a aposta que queria fazer. E isso havia muito tempo. Determinado a ganhar de volta o dinheiro que perdera, e até mais do que isso, Perumal teve uma ideia.

Furto foi a primeira acusação que os policiais fizeram contra Perumal, por roubar um par de chuteiras de futebol em 1983. Aos dezoito anos, ele vivia com a família em Choa Chu Kang, uma área agrícola no noroeste de Cingapura. Os pais de Perumal tinham raízes em Chennai, a capital do estado densamente povoado de Tamil Nadu, na Índia, uma fonte de mão de obra barata para a Ásia e o Oriente Médio. Eles faziam parte de uma longa linha de trabalhadores que já haviam sido condenados alguma vez pela justiça. Não possuíam qualificações profissionais e tinham feito seu caminho da Índia para Cingapura ao longo do século que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, quando os dois territórios existiam sob o governo colonial britânico. O pai de Perumal, um trabalhador braçal que pintava guias de rua e instalava cabos, era faixa preta em judô. Perumal nunca se interessou ou teve disciplina para tanto. Em vez disso, a impressão mais duradoura que o pai lhe deixou foi a dificuldade de alimentar cinco filhos trabalhando com honestidade. “Havia dias em que só comíamos uma refeição”, diz Perumal. Ele era o filho do meio, aquele que se perde entre os outros, o que encontra maneiras diferentes de sobreviver. Perumal frequentou a escola Teck Whye, onde correu os 800 metros e prestou atenção apenas o suficiente para passar nas provas, já que estava mais interessado nas atividades extracurriculares de caráter duvidoso que o esperavam depois da escola.

Perumal e o estado independente de Cingapura nasceram no mesmo ano, 1965, embora suas características divergissem desde sempre. Após deixar o domínio do reino britânico, os líderes de Cingapura

colocaram o país em um caminho de vigor econômico. O transporte, a fabricação e a industrialização transformaram Cingapura em um dos quatro Tigres Asiáticos, um centro de negócios e finanças internacionais. E por baixo desse crescimento estava o compromisso de Cingapura com a ordem e a sua abordagem contundente em relação ao crime. Ao contrário de muitos de seus vizinhos, atingidos pelo caos do liberalismo ou a estagnação da autocracia, Cingapura chocava com seu equilíbrio: agir com pulso firme em relação a crimes e ser favorável em relação aos negócios. Cingapura se tornou um lugar onde o pecador era punido de forma desproporcional por seus erros, para que os inocentes pudessem prosperar da mesma maneira, acima de qualquer proporção.

Wilson Perumal pertencia ao terceiro maior grupo étnico de Cingapura. Não existia a nacionalidade cingapuriana. O que havia lá eram chineses, malaios, cingaleses, filipinos, tailandeses, cada um com uma língua diferente, cada um adotando o inglês como idioma padrão, cada um guardando segredos em suas línguas natais. Cingapura era um lugar de identidades secundárias, um lugar com muitos estrangeiros. Perumal navegava de um grupo social para outro, entre diferentes grupos étnicos, aprendendo a esconder sua motivação a fim de persuadir e levar vantagem. Poderia ter se tornado um ótimo vendedor se não tivesse se juntado a jovens que, como ele, não sabiam o que queriam do futuro e só pensavam no que conseguiriam colocar as mãos naquele exato momento. Perumal tentou cometer pequenos crimes. Com alguns amigos, roubou um aparelho de videocassete da escola Teck Whye. Eles o venderam por quinhentos dólares cingapurianos. Então o grupo pegou um táxi para o centro da cidade, assistiu a alguns filmes e gastou o dinheiro em pipoca e cerveja, incautos sobre o que haviam feito.

Depois, um membro da turma de Perumal roubou um par de chuteiras de futebol, crime que levou à ruína o grupo. Confrontado pelas autoridades, o amigo contou a história toda sobre os sapatos, o videocassete e outros roubos, delatando a participação de Perumal. No dia seguinte, a manchete do jornal local dizia: “Atleta escolar asiático acusado de roubar casa”. Era um acontecimento perturbador, que mui-

tas vezes assustaria um adolescente e o levaria para o caminho certo da vida. Para Perumal, contudo, o episódio simplesmente forneceu sua primeira oportunidade de publicidade. Muito mais estava por vir.

Perumal agora estava familiarizado com a criminalidade, mas este não era nem de perto um crime grave em Cingapura. O país havia se tornado um modelo econômico de disciplina e transparência para o mundo, mas as apostas ilegais permaneciam sendo um crime bem tolerado, um elemento clandestino da cultura. E havia pouco que o rígido governo pudesse fazer. Todo mundo apostava. Assim como Perumal, ali no estádio Jalan Besar.

Quando percebeu que os chineses haviam tirado vantagem dele, Perumal voltou sua atenção para os jogadores que corriam e lutavam na umidade grudenta de Cingapura, que fica a menos de cem quilômetros ao norte da linha do equador. Perumal sabia o que era isso: trabalhar duro em troca de pouco, crescer com o bolso vazio e pouca perspectiva de enchê-lo, toda essa inquietude levando a direções autodestrutivas. Perumal sabia da importância de focar em algo que pudesse levá-lo para longe da pobreza. O que havia de errado em ganhar um dinheirinho extra enquanto se buscava a glória dentro de campo?, pensou ele.

Perumal espalhou esse raciocínio para vários de seus amigos que jogavam futebol. Tudo pessoalmente, sendo o acordo entre ambas as partes o elemento essencial da manipulação. Ele comprou dois conjuntos de camisas de futebol. Uma vermelha, a outra branca. Alugou um estádio local e pagou cem dólares para ter o uso exclusivo do campo durante duas horas. Então publicou o jogo nos jornais locais. Também comprou um par de calções, uma camisa polo, meias e sapatos — todos pretos — e vestiu um de seus amigos. “Você será o árbitro”, disse Perumal.

Os apostadores chineses do estádio Jalan Besar, sempre à procura de ação, leram sobre o jogo no jornal e apareceram na hora e no local marcados. Quando a equipe vermelha atingiu o placar de 2 a 0 no primeiro tempo, os velhos chineses se animaram a apostar que o time ganharia o jogo, entregando seus cartões a Perumal, sorrindo para si mesmos do garoto que não entendia nada de *hang cheng*. Quando a

equipe branca marcou seu terceiro gol no segundo tempo, os velhos chineses pararam de rir. Eles sabiam que o garoto que estava aprendendo as artimanhas tinha acabado de envolvê-los em um esquema fraudulento.

Perumal tinha encontrado sua vocação: dinheiro fácil. Seu primeiro jogo com placar manipulado foi tão bem-sucedido que ele levou o esquema de corrupção aos estádios de toda a Cingapura. Os apostadores que perderam não se queixaram, mesmo sentindo algo estranho sobre essas apostas e jogos. Eles não podiam ir à polícia. Não podiam se lamentar, nem esbravejar. Tudo o que podiam fazer era pagar o que deviam a Wilson Perumal.

Perumal prosseguiu com esse esquema ao longo de seus vinte e poucos anos e desenvolveu um gosto por coisas que nunca poderia adquirir antes. Era a primeira vez que ele tinha dinheiro. Correndo por salões de bilhar e indo atrás de meninas com seus amigos até o sol nascer, ele apostava seus ganhos nos jogos das maiores ligas de futebol da Europa, partidas que estavam apenas começando a ser televisionadas em Cingapura. Enquanto assistia aos jogos naquela manhã carregada de fadiga, juventude e estímulo, Perumal concebeu algo maior.